

AS SENSações CORPORAIS: DISTINÇÃO ENTRE PAIXÕES E SENTIDOS NO *FÉDON*

Ana Rafaella Pereira Melo¹

RESUMO: Na crítica que Platão faz ao corpo no diálogo *Fédon*, ele inicialmente se utiliza de um termo geral que determina tanto os sentidos quanto as dores, prazeres e desejos inseridos numa mesma categoria e numa mesma compreensão. O termo usado, o *sensações corporais* corresponde a forma de referir-se ao corpo no que concerne ao fato deste último constituir um empecilho para a aquisição do saber. Mas não é possível negar que haja uma diferença lógica entre essas duas determinações corporais, dado que os sentidos são instrumentos que captam uma realidade através de um estudo, pela percepção, e as paixões não são capazes de realizar estudo algum, sendo portanto, ambos empecilhos, mas com uma dessemelhança que pode trazer um significativo contraste no que concerne ao modo de interferir do corpo na alma e no que diz respeito ao conhecimento. O presente artigo tem como objetivo o esclarecimento dessa distinção categorial que o filósofo generaliza quando enquadra-os numa mesma categoria sem expor nenhuma explicação referente a essa possível diferença.

Palavras-chave: Sensações corporais, Dores, Prazeres, Sentidos, Conhecimento.

ABSTRACT: In Plato's criticism of the body in the dialogue *Phaedo*, he initially using a general term that determines both the senses and the pains, pleasures and desires inserted in the same category and in the same understanding. The term used, the *bodily sensations* corresponding to the form of referring to the body with respect to the fact that the latter constitute an obstacle to the acquisition of knowledge. But you can not deny that there is a logical difference between these two body measurements, since the senses are instruments that capture a reality through a study on perception, and the passions are not able to do some study, and therefore, both obstacles but with a dissimilarity that can bring a significant contrast with respect to how to interfere with the body and the soul with regard to knowledge. This article aims to explain this categorial distinction that the philosopher does when widespread falls in the same category without exposing any explanation concerning this possible difference

Key-words: Bodily sensations, Pains, Pleasures, Senses, Knowledge.

O *Fédon* é um diálogo onde podemos encontrar a crítica mais acirrada feita por Platão aos sentidos e a tudo que diz respeito ao corpo, assim como prazeres, dores e desejos. Nos argumentos iniciais do diálogo, Sócrates expõe de forma veemente as implicações negativas que decorre do fato de o homem deixar-se vislumbrar pela realidade aparentada através dos sentidos, enfatizando que na relação existente entre o corpo e a alma, o corpo é somente fardo, e a purificação é a via por onde deve se conduzir aquele que deseja contemplar a sabedoria, a

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: rafaella.miau@gmail.com

verdade. Quando se trata de adquirir a sabedoria, o corpo constitui entrave e não é capaz de proporcionar ao homem qualquer pensamento, qualquer verdade. Platão utiliza-se do termo “sensações corporais”(το σωμα αισθησεων) para referir-se tanto aos sentidos como às dores e prazeres, que são as principais manifestações corporais tratadas no diálogo, determinando-os como idênticos, sem considerar de início nenhuma diferença lógica que essas duas categorias distintas do corpo possam apresentar. A crítica que começa a se desenvolver a partir de 65b no diálogo referido, generaliza o termo, abrangendo tanto os sentidos quanto dores, prazeres e desejos como sendo exclusivamente entraves para a contemplação da sabedoria. Será que não há nenhuma diferença entre sentidos, dores e prazeres, ao ponto de ser possível determina-las com um único termo, a saber, sensações corporais sem expor uma distinção específica, no que concerne à aquisição do saber? Em 65 C, Sócrates enfatiza a questão do empecilho: “[...] [a alma] raciocina melhor quando nenhum empecilho lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo de um prazer [...]” De acordo com essa passagem, fica claro que, em se tratando de empecilho, a vista e audição, assim como dores e prazeres possuem a mesma capacidade de obstrução da alma em relação à verdade (αληθεια). Tanto prazer como dor e sentidos produzem manifestações que atrapalham a alma na contemplação do saber. A crítica de Platão no referido diálogo remete exclusivamente ao corpo, dado que exaltando a morte, a alma apartada em si mesma tem condições suficientes de alcançar a sabedoria. A partir desse ponto de vista, sensações corporais podem ser determinadas como tendo um mesmo significado, tanto dores e prazeres como os sentidos, pois ambos entorpecem a alma na contemplação da realidade mesma. É o corpo em sua totalidade que Platão visa nesse momento. Mas não é possível negar que haja uma diferença lógica entre essas duas determinações corporais, dado que os sentidos são instrumentos que captam uma realidade através de um estudo, pela percepção, e as paixões não são capazes de realizar estudo algum, sendo portanto, ambos empecilhos, mas com uma dessemelhança que pode trazer um significativo contraste no que concerne ao modo de interferir do corpo na alma. Os sentidos proporcionam à alma conhecimento incerto, mas as sensações de natureza do prazer e da dor não produzem sequer conhecimento. Será que isso pode ser concluído a partir de uma leitura atenciosa do *Fédon*? É possível encontrar nas palavras do filósofo ateniense uma distinção lógica entre dores, prazeres e sentidos? O presente trabalho tem como objetivo o esclarecimento dessa distinção categorial que o filósofo generaliza quando enquadra-os numa mesma categoria sem

expor nenhuma explicação referente a essa possível diferença. Há uma diferença no contexto quando Platão se refere ora aos sentidos, ora às dores e prazeres, e é esse contexto divergido que determina o uso da palavra *sentidos* ou *dores e prazeres*. Esse contexto é que explicita a diferença que essa pesquisa se propõe a enfatizar.

1- A CATEGORIA DOS SENTIDOS

Platão considera o corpo um fardo para o filósofo, cuja pretensão última é conhecer a verdade por meio da dialética, que é alcançada somente pela alma. Nas considerações que determinam como o filósofo conquista esse saber, está explícito que as formas, que estão na alma, são realidades eternas, imutáveis e inteligíveis, características que se assemelham às da alma, descrita em 79b, e que com isso possibilita a alma examinar por si mesma os seres puros:

Portanto, que diremos da alma? Que ela é coisa visível ou que não se vê?

-Que não se vê.

-Logo, a alma tem com a espécie invisível mais semelhança do que o corpo, mas este tem com a espécie visível mais semelhança do que a alma?

-Necessariamente, Sócrates.[...]

- Quando [...] ela [a alma] examina por si mesma as coisas, quando se lança na direção do que é puro, do que sempre existe, do que nunca morre, do que se comporta sempre do mesmo modo, - em virtude de seu parentesco com esses seres puros- é sempre junto deles que a alma vem ocupar o lugar a que lhe dá direito toda a realização de sua existência em si mesma e por si mesma.

O argumento da verossimilhança entre alma e formas determina que somente a alma é capaz de compreendê-las em sua totalidade, dado que compartilham características de uma natureza inteligível. Dessa maneira, o corpo, que possui atributos opostos aos da alma e, portanto, aos dos seres puros, se mostra completamente dispensável no que diz respeito à obtenção do saber. Mas Platão não se limita simplesmente a determinar que, sendo a alma capaz de sozinha contemplar a verdade, o corpo se torna inútil para aquele que deseja conhecer a realidade em si mesma. Na maior parte do desenvolvimento do argumento contra o corpo, ele é descrito de uma maneira generalizada, onde enfatiza-se somente a sua capacidade de obscurecer a razão, a alma, quando esta propõe-se a conhecer a verdade. Enquanto entrave que é o corpo na procura pelo saber, as sensações corpóreas são os cravos que impedem a alma de elevar-se até o conhecimento absoluto, prendendo-a na realidade sensível. Que sensações corpóreas são essas a que Platão se

refere? Em 66c nos deparamos com uma descrição detalhada acerca do que podem ser essas conturbações a que a alma está sujeita quando volta sua atenção para o corpo, tais como amores, paixões, temores, imaginações de toda sorte, doenças, de onde não se recebe nada de sensato, nenhum pensamento verdadeiro sequer. Pois o corpo em suas concupiscências causa guerras, dissensões, batalhas, tudo devido a sua “irresistibilidade” em amontoar bens e se ater na busca por honrarias e riquezas, proveniente das paixões de quem o homem é mísero escravo.

O corpo produz sensações confusas, pois nos agita, nos tonteia e nos desorganiza, e quando assim se manifesta, o faz pelos prazeres ou pelos conhecimentos incertos de que nos mune os sentidos, decorrentes da apreensão do devir. Até então, não pôde ser compreendida nenhuma diferença entre essas manifestações corporais entre si, sendo todas abarcadas numa mesma significação. Já em 65b podemos perceber a primeira manifestação dessa dessemelhança entre as categorias descritas como αἰσθήσεων. Vejamos a seguinte citação:

Quero dizer com isso mais ou menos o seguinte: acaso alguma verdade é transmitida aos homens por intermédio da vista ou do ouvido, ou quem sabe se, pelo menos em relação a essas coisas não se passe como os poetas não se cansam de no-lo repetir incessantemente, e que não vemos ou ouvimos com clareza? **E se dentre as sensações corporais essas não possuem exatidão e são incertas, segue-se que não podemos esperar coisa melhor das outras que, segundo penso, são inferiores àquelas.** Não é também este o teu modo de ver? (65b)

Na afirmação acima, distinguimos a vista e o ouvido das demais sensações corporais a que Platão se refere como lhes sendo inferiores, denotando assim uma superioridade dos sentidos da vista e ouvido em relação a qualquer outra sensação de natureza semelhante. É possível assumir a partir desse fragmento que Platão admite uma distinção entre os aspectos descritos em το σωμα αἰσθησεων. Existe, pois, uma separação em termos de graus de supremacia entre as sensações corporais, onde umas apresentam-se melhor do que as demais, embora essa característica que determina essa superioridade não esteja explícita. Mas será que mesmo depois de distinguir os sentidos da audição e visão como sendo superiores às outras sensações, pode-se continuar concebendo-as como pertencentes e descritíveis indistintamente somente com um e mesmo termo, e uma e mesma significação, sem que essa superioridade designe um aspecto relevante na aquisição do saber? E se existe então uma hierarquia entre as sensações corporais, é

válido denegri-lo [o corpo] em sua totalidade, sem avaliar se essas diferenças não hierarquizam também o valor delas com relação à alma, logo, com relação ao saber? Será que a hierarquia que existe entre elas não produz necessariamente a distinção lógica emergente? Se nem os sentidos da vista e do ouvido, que são considerados como sendo mais elevados do que quaisquer outras sensações de natureza corpórea, a saber, dores, prazeres, desejos, e possivelmente os próprios outros sentidos, tais como o tato, o paladar e o olfato, podem nos prover de alguma verdade, o que mais podemos então esperar do corpo? Mas em que consistiria essa possível superioridade dos sentidos? Ou no que consistiria então, se melhor condiz com o contexto expressar-se da seguinte forma, a inferioridade das demais sensações corporais perante os sentidos da visão e audição?

Mesmo após considerar essa distinção, Platão segue afirmando que o corpo no geral não possibilita à alma a concentrar-se na verdade; porém, mais adiante, no que diz respeito aos sentidos, esses mostram à alma coisas incertas e cambiantes do devir, que ora são, ora não são, e tonteiam-na sem permiti-la decidir e discernir algo de certo neles. Os sentidos, agora inseridos especificamente, só são capazes de dar à alma o pensamento dos objetos da realidade mutável que não é constituído por nenhuma possibilidade de saber. No argumento em que Sócrates se empenha em demonstrar que a alma existia antes da obtenção de um corpo, o tema principal em questão é a possibilidade das formas, das Idéias imutáveis já estarem na alma mesmo antes de nascerem. Dado essa possibilidade, pergunta-se então se o conhecimento da verdade e com isso, a apreensão do saber, não constitui uma rememoração. E se é uma lembrança, já que a verdade está na alma, como ocorre esse processo de reminiscência a que a alma é submetida quando já está detida num corpo? Será que é ainda por si só que a alma inicia-se no desenvolvimento dessa rememoração?

A partir da passagem 73C, observamos uma pequena mudança de concepção por parte de Sócrates no que concerne às afirmações referentes ao corpo e aos sentidos: quando “[...] vemos ou ouvimos qualquer coisa, ou se experimentamos não importa que outra espécie de sensação, não é somente aquele objeto que conhecemos[...]”, a coisa material de que os sentidos nos proporcionam a percepção, “[...] mas temos também a imagem de uma outra coisa, que não é objeto do mesmo saber, mas de outro.” (73C) Essa coisa, portanto, é a coisa em si mesma. Algumas idéias apresentadas pelo filósofo no conceito mesmo da *anamnesis*, atenta para a contribuição dos sentidos nesse processo de rememoração da alma. Se alguém deve ter conhecido

antes aquilo de que se recorda, qual é o primeiro passo dessa recordação para o homem? A *anamnesis* ocorre quando alguém percebe algo, isto é, quando alguém experimenta isso com coisas de que se esqueceram por ocasião da morte. “Como quer que seja, seguramente são as nossas **sensações** que devem dar-nos tanto o pensamento de que todas as coisas iguais aspiram à realidade própria do Igual, como o de que elas são deficientes relativamente a este.” (75 a)

Utilizando-se do termo αἰσθήσεων, Platão estuda aqui a possibilidade delas [as sensações] atuarem na rememoração das formas na alma, proporcionando um tipo de análise que os sentidos da visão, audição e os demais podem conceber. Os termos dores (λύπη) e prazeres (ἡδονή) aqui não aparecem por ora, dando lugar somente a termos que descrevem os sentidos mesmos ou apenas fazendo uso de αἰσθήσεων, termo este que traduz tanto sentidos como sensações físicas no geral, na gramática grega clássica.² É evidente que mesmo sem utiliza-las, a possibilidade de dores e prazeres estarem também aqui sendo consideradas não está descartada. O que nos dá a evidência de que o que se trata no momento são mesmo os sentidos são as passagens 75b e as seguintes, onde Sócrates diz “Logo que nascemos, começamos a ver, a ouvir, a fazer uso de todos os nossos sentidos, não é verdade?” “[...]προ του αρα αραξασθαι ημας οραν και ακουειν και ταλλα αισθανεσθαι[...]” Ocorre aqui uma mudança no verbo utilizado, o *aisthanomai*, que na proposição em questão determina a ênfase nos sentidos descritos como o ver [οραν], o ouvir [ακουειν]. O *aisthanesthai* aqui utilizado por Platão tem o significado de sentir ou apreender pelos sentidos, nos proporcionando, portanto, clara distinção do termo anteriormente utilizado, que generalizava as sensações corporais como um todo, o *aisthesis*. A partir daí, o *aisthesis* utilizado no decorrer da argumentação pode ser interpretado como se referindo exclusivamente à sensação proveniente da vista, ouvido, portanto, os sentidos. A julgar que de fato há uma diferenciação do modo de usurpar a alma entre os sentidos e as paixões, o aspecto que se desenvolve no decorrer da argumentação da *anamnesis*, nos faz entender que somente os sentidos é que podem ser utilizados como ferramentas de estudo do sensível de que faz uso a alma quando procura reconhecer as formas puras a partir dos objetos de natureza material. O uso do termo “sentidos” também aparece na tradução para o português em 75e, “Em troca, penso, poder-se-ia supor que perdemos, ao nascer, essa aquisição anterior ao nosso nascimento, mas que mais tarde, fazendo uso dos

² αἰσθήσις : percepção pelos sentidos, sensação.

sentidos (aistheseis)[...]” em virtude da referência anterior aos sentidos . Em 76 a, “É possível, com efeito, que ao percebemos uma coisa pela vista ou pelo ouvido [...]”, por exemplo, o termo “sentidos” não é utilizado pela tradução, mas é explícito que trata-se exclusivamente deles.³ Também em 74 e, Platão refere-se à visão em “ [...] pela primeira vez, a visão das coisas iguais [...]” (ἀναγκαῖον ἄρα ἡμῶς προειδέναι τὸ ἴσον πρὸ ἐκείνου τοῦ).⁴

Mesmo quando utilizado o termo “αισθησις” por determinação do significado no grego, o contexto adiante, onde cita-se ἰδόντα, ὁραν e οἰσις e referentes ao sentido da audição, tal como ακοη, nos impele a crer que Sócrates está se referindo naquele momento, na discussão sobre a *anamnesis* àquelas sensações que nos proporcionam o ver, o tocar, o ouvir, e as demais percepções provenientes dos demais sentidos. A conclusão relevante para este trabalho é que os sentidos, portanto, por si mesmos não são capazes de perceber o Igual em si, ou qualquer outra idéia, pois somente a alma possui esse conhecimento. Mas cabe aos sentidos transmitir o conhecimento que concerne à sua capacidade de percepção para que por meio dele, a alma se engaje numa especulação acerca de um objeto de natureza diferente dos iguais sensíveis que, por ventura, tal pensamento suscitado pelos sentidos demonstrou. O reconhecimento de objetos de natureza não cambiante (eternos e imutáveis) se dá por conhecimento das coisas cambiantes (inseridas no vir a ser), que se faz por intermédio dos sentidos, como bem explica Sócrates quando trata da rememoração do conhecimento enquanto recordação de um saber supremo, a partir de um saber inferior.

2- DORES, PRAZERES E DESEJOS

Mas, no que concerne às paixões, qual seria a sua função para o homem e no que exatamente ela é empecilho, visto que não pode ser simplesmente mesclada aos sentidos como

³ δυνατὸν γὰρ δὴ τοῦτό γε ἐφάνη, αἰσθόμενόν τι ἢ ἰδόντα ἢ ἀκούσαντα ἢ τινα ἄλλην αἴσθησιν λαβόντα ἕτερόν τι ἀπὸ τούτου ἐννοῆσαι ὃ ἐπελέληστο, ὃ τοῦτο ἐπλησίαζεν ἀνόμοιον ὃν ἢ ὃ ὅμοιον: ὥστε, ὅπερ λέγω, δυοῖν θάτερα, ἧτοι ἐπιστάμενοί γε αὐτὰ γεγόναμεν καὶ ἐπιστάμεθα διὰ βίου πάντες, ἢ ὕστερον, οὕς φαμεν μανθάνειν, οὐδὲν ἄλλ’ ἢ ἀναμνησκονται οὗτοι, καὶ ἡ μάθησις ἀνάμνησις ἂν εἴη. 76A

⁴ Todo o grego é traduzido de Perseus : www.perseus.tufts.edu.

quando uniam-se na expressão “sensações corporais”? No que consiste a inferioridade das demais sensações corporais perante os sentidos?

Em 83 a, Platão afirma que o estudo que é feito por intermédio da vista e dos outros sentidos não deve ser levado em consideração se a alma pretende alcançar o saber. A afirmação, da maneira como é descrita, exclui completamente os prazeres, dores e desejos da capacidade de realizar um estudo, delimitando exclusivamente essa faculdade aos sentidos. Se fizermos um parâmetro entre a passagem 83 a e 65 b, onde “E se dentre as sensações corporais essas não possuem exatidão e são incertas, segue-se que não podemos esperar coisa melhor das outras que, segundo penso, são inferiores àquelas.” E em seguida “[...] a filosofia entra com doçura a explicar-lhes as suas razões, a libertá-las, mostrando-lhes para isso de quantas ilusões está inçado o estudo que é feito por intermédio dos olhos, tanto como o que se faz pelo ouvido e pelos outros sentidos.” podemos perceber que do ponto de vista do saber, as demais sensações corporais não acrescentam nada, pois somente os sentidos é que exercem algum tipo de estudo, realizam algum tipo de análise, e sua eventual superioridade em relação as demais sensações corporais deva consistir exatamente nessa capacidade exclusiva de apresentar a alma algum conhecimento que, como já vimos, de certo modo, auxilia na rememoração de uma Idéia. Não há em nenhum momento do diálogo, referência às dores e prazeres como realizando ou participando de algum estudo, alguma análise de qualquer natureza. A referência às paixões de que trata Platão se delimita naquilo que as paixões são capazes de fazer no que diz respeito a deixar a alma impura.

Um pouco mais adiante, ele começa a descrever um empeco de outra natureza, que não mais a de um estudo equivocado, como quando se refere aos sentidos. A alma que pretende libertar-se deve permanecer afastada também dos prazeres, desejos, incômodos e dos terrores, dado que estes, quando sentidos com intensidade, caem doentes ou arruinados por conta de suas paixões.

È, portanto, um mal que sofremos e não notamos. Na medida em que caem doentes por suas emoções, os homens estão aqui atribuindo demasiada importância, sem comedir-se ou deter-se em virtude de se aperceberem que se trata somente de uma afecção intensa. Essa afecção pode, dessa forma, entorpecer e cegar a alma mostrando-lhe somente uma realidade e prendendo-na nela.

È que em toda alma humana, forçosamente, a intensidade do prazer ou do sofrimento, a propósito disto ou daquilo, se faz acompanhar da crença de que o

objeto dessa emoção é tudo o que há de mais real e verdadeiro, embora tal não aconteça. (83 c)

Esse é o efeito não só das paixões e dores, mas de todas as coisas visíveis, conclui Platão. Ele continua, afirmando que todo prazer e todo sofrimento atuam como um cravo que prendem a alma ao corpo, fazendo assim com que ela se torne material. Podemos aqui distinguir, enfim, a atividade das emoções da atividade dos sentidos, já que até então ambas igualmente mostravam uma realidade que não é. Os sentidos mostram, com um estudo equivocado, a percepção de realidades incertas com relação à verdade. Mas as paixões atuam como um elo que mantém a alma ligada ao corpo, não somente percebendo a realidade do vir a ser, mas mantendo-na material por sua intensa ligação com ele. “Assim, todo prazer e todo sofrimento possuem uma espécie de cravo com o qual pregam a alma ao corpo, fazendo assim com que ela se torne material, e passe a julgar da verdade das coisas conforme as indicações do corpo.” 83d⁵

Os termos usados para as sensações que estão sendo descritas nesse momento são prazer (ἡδονή) e sofrimento ou dor (λύπη / αλγηδών).

Há aí uma mistura que, do ponto de vista de Platão, prejudica a alma até mesmo após a morte do corpo, pois esta mantém uma conformidade de tendências e hábitos com ele, que a torna impura. A consequência disso seria a mesma, ou seja, a não apreensão da sabedoria, visto que misturada ao corpo, até mesmo depois da morte, a alma estaria e permaneceria corrompida e entorpecida por seus ditames. Privada de participar da existência do que é divino e puro em sua forma, a alma detém-se, mesmo após desvencilhar-se do corpo por ocasião da morte, nas inverdades, sem a capacidade de contemplar as formas em si mesmas, permanecendo na ignorância.

⁵ ὅτι ἐκάστη ἡδονὴ καὶ λύπη ὡσπερ ἦλον ἔχουσα προσηλοῖ αὐτὴν πρὸς τὸ σῶμα καὶ προσπερονᾷ καὶ ποιεῖ σωματοειδῆ, δοξάζουσαν ταῦτα ἀληθῆ εἶναι ἄπερ ἄν καὶ τὸ σῶμα φῆ

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No *Fédon*, portanto, encontramos passagens que determinam as dores e prazeres e os sentidos enquanto diferentes, tanto na capacidade de obstruir a contemplação da alma perante a verdade, quanto numa superioridade de uma em relação à outra categoria. Os sentidos podem, de certa forma, participar no processo do conhecimento, enquanto as paixões não oferecem nenhum auxílio. Os sentidos mostram uma realidade falsa através da percepção que lhe é faculdade, mas as paixões atuam como um cravo que prende a alma ao corpo, entorpecendo-a até mesmo depois da morte. No decorrer do diálogo, o termo *aisthesis* que se refere a sensações corporais e sentidos, tanto pode vir a ser compreendido enquanto sentidos, como paixões, tendo sua compreensão definida através da contextualização do fragmento em que se encontra o termo.

Os sentidos são mecanismos que o corpo tem para realizar percepções imediatas. Com relação às paixões, as dores, os prazeres e desejos, poderíamos afirmar numa linguagem contemporânea, são faculdades que medeiam entre o aspecto psicológico humano e sensações emitidas para o corpo, tais como as que as emoções suscitam, a saber, calafrios, aceleração de batimentos cardíacos, dilatação da pupila, etc. Para Platão, uma distinção também se fez necessária, dado que, mesmo constituindo sensações de natureza corporal, manifestam-se de formas variadas no corpo e principalmente em relação a alma, que deseja o saber. Então, poderíamos agora afirmar que as sensações corporais, que constituem empecilhos para a alma conhecer a realidade mesma de tudo o que há, são determinadas em duas categorias distintas, a saber, os sentidos, que nos proporcionam um estudo superficial sob a realidade do vir a ser, e as paixões, que inunda a alma com emoções de toda sorte, interferindo em sua capacidade de contemplar a verdade, mesmo depois da morte.

Se existe a possibilidade de o corpo ser reconhecido como dotado de algum valor na dialética, como observamos nesse artigo na breve análise sobre a *anamnesis*, a conclusão a que chegamos é que somente os sentidos é que são suficientes para o exercício de alguma função no processo de contemplação das formas, dado que é através deles que um estudo de natureza da percepção sensível pode ser realizado, mesmo que não seja da mesma ordem daquele produzido pela alma em um estágio superior de conhecimento. É evidente que sem o inteligível, ou a Forma na alma, de nada adiantaria a visão de pedaços de pedras iguais, e sem a visão dos pedaços de

pedras iguais, mesmo com o Igual em si na alma, não haveria possibilidade de recordação. Sobre a primeira proposição, tem-se que não haveria objeto verdadeiro que a alma iria referir quando observasse a imperfeição do conhecimento proveniente da percepção. Sobre a segunda proposição, dado que a Igualdade não se pode ver, só se pode reconhecer, sem um objeto perceptível que trouxesse a recordação do Igual não haveria possibilidade de recordação. O conhecimento sensível transmite para a alma, através dos objetos imperfeitos, a possibilidade de recordação por semelhança do ente existente na alma.

Portanto, “[...] toda e qualquer possibilidade de interpretar os dados brutos da sensação decorre do conhecimento anterior das Formas.”⁶. E podemos também afirmar que toda possibilidade de recordação reside na condição de semelhança entre objeto percebido e a preexistência das Formas na alma para tal reconhecimento. A percepção dá ao homem conhecimentos incertos que, por meio da semelhança, através da verificação da diferença, a alma refere à Idéia e recorda do ente em si mesmo. A reciprocidade dessa relação é indispensável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GAZOLLA, R. “Do Olhar, do Amor e da Beleza: um estudo sobre o estético em Platão no Fedro e no Timeu”. In: PERINE, M. **Estudos Platônicos**. São Paulo: Loyola, 2009. 49-74.
- PLATÃO. **Fédon**. Porto Alegre: Globo, Os Pensadores, 1972.
- ROBINSON, T. M. **A Psicologia de Platão**. São Paulo: Loyola, 2007.
- SANTOS, J. T. **Para ler Platão II – O Problema do saber nos diálogos sobre a teoria das formas**. São Paulo: Loyola, 2008.

⁶ Gabriel TRINDADE. **O Problema do Saber nos Diálogos sobre a Teoria das Formas**. Pp 35